MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. A criança e o artista: Fundamentos para o ensino das artes plásticas. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

SOUSA, A.A Educação pela Arte e Arte na Educação, Música e Artes Plásti-cas. 3ºvolume. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

VYGOTSKY, L. Imaginação e Criatividade na Infância. Lisboa: Dinalivro, 1994.

RESSIGNIFICANDO A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CARINA CONCEIÇÃO DA ROCHA

RESUMO

A educação infantil surge para criança atualmente como base para sua formação e consequentemente o primeiro degrau que a mesma tem que passar na sua longa história escolar. Ela é pautada por uma intensa ludicidade, criatividade, experimentação para que essa criança conheça esse novo mundo externo, experienciando por meio das diversas linguagens existentes. Nesse universo escolar da educação infantil, as histórias surgem como conteúdos regulares, diários, onde a contação de histórias surgem como uma premissa básica. Nessa contação de histórias, os contos de fada merecem um capítulo a parte, já que são presentes e necessitam de um entendimento e de uma ressignificação. Esse estudo se propõe a propor essa necessária ressignificação, demonstrando a presença dos contos de fada na educação infantil e de como eles precisam ser entendidos em novos contextos e preceitos, amparados em uma educação que se comporta como incentivadora, moderna, social e crítica. Não devemos banalizar ou banir os contos de fadas, mais sim ressignificá-los, onde os mesmos poderão ser efetivos no que se refere ao desenvolvimento pleno e prazeroso dessa criança.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil; Histórias; Contos de fadas.

INTRODUÇÃO

Desde a mais tenra infância a criança convive com os contos de fada, pois acima de tudo trata-se de uma atividade que lhe dá imenso prazer, curiosidade, devido a toda questão lúdica e a toda fantasia que permeia os mesmos.

Contar histórias para as crianças começa com os pais e depois continua com os educadores, quando essa criança adentra na educação infantil e depois, consequentemente no ensino fundamental.

Esse estudo se justifica da necessidade de demonstrar que os contos de fada vão muito além do simples contar de uma história e se divertir com ela.

Tem como objetivo, demonstrar que os contos de fada estabelecem inúmeros significados para as crianças, quando as mesmas são na maioria das vezes ouvintes e trilham por esse caminho de intensa imaginação e fantasia, aprendendo assim inúmeros conceitos.

Para tanto foi utilizado como metodologia, uma revisão bibliográfica amparada em livros e artigos, sobre o esse significado e a capacidade de transferência de alguns conceitos presentes nesses contos para sua vida. A comprovação dos autores nos afasta a noção do senso comum.

Os contos de fada são presença constante na educação e para tanto devem ser estudados cada vez mais, para que sua utilização seja além de prazerosa, também significativa e efetiva para os estudantes/crianças.

A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para que haja o entendimento da importância de ser contar histórias para as crianças na educação infantil, é preciso conhecer essas crianças, suas principais características.

Antigamente chamada de pré-escola, hoje denominada educação infantil, é considerada a “idade de ouro” da infância, associada a um desenvolvimento maturacional e físico.

O crescimento segue a direção céfalo caudal, próximo-distal, ou seja, da cabeça para os pés, do centro para as extremidades e as partes do corpo crescem

em proporções diversas e “em diferentes épocas, desde a primeira infância até a maturidade. (RODRIGUES, 2007)

Trata-se de uma faixa etária onde há a chamada transição, já que essa criança toma conhecimento do universo exterior, caracterizado pela sua entrada

na escola, mais precisamente na educação infantil. Esse aprendizado pelo universo exterior ocorre através das atividades motoras, percebendo-se por isso, como esse tipo de atitude é importante no desenvolvimento dessas crianças.

A primeira referência da criança para a delimitação de sua pessoa é a família. Ao ingressar na educação infantil ela passa a fazer parte de outro contexto social, que também serve como referência para a construção de sua pessoa. (OLIVEIRA, 2012)

De acordo com Piaget, a criança dos dois aos sete anos, ou seja, aquela que figura na educação infantil, está no estágio pré-operatório ou da inteligência intuitiva. Nesse período podemos priorizar a interiorização dos esquemas de ações construídos no estágio anterior (sensório-motor), aperfeiçoados e transformados em manipulações internas da realidade, dando lugar progressivamente a inteligência representativa. (RODRIGUES, 2007)

Seu aspecto cognitivo também é importante no que se refere a sua presença na escola, onde há um imenso celeiro para as possíveis ligações neurais devido aos estímulos externos que ela recebe nesse ambiente educativo.

Com a inteligência representativa a criança adquire a capacidade de evocar o passado, representar o presente e antecipar o futuro, pois seu campo de ação é bastante abrangente, permitindo distância de espaço muito grandes entre sujeito e objeto. Há uma diferença entre a lógica da criança e a lógica do adulto de devido a irreversibilidade, em função da descentralização. (RODRIGUES, 2007)

Nos primeiros anos de vida a criança atua mais por reflexos condicionais. Dos 3 aos 6 anos, organizam-se novas funções mentais. A criança mostra grande riqueza de imaginação e gosta de alimentar sonhos e histórias. Às vezes a grande imaginação dela é tomada como mentira e o adulto deve orientá-la com serenidade, para que ela o entenda. (RODRIGUES, 2007)

A primeira referência da criança para a delimitação de sua pessoa é a família. Ao ingressar na educação infantil ela passa a fazer parte de outro contexto social, que também serve como referência para a construção de sua pessoa. (OLIVEIRA, 2012)

No período referente a educação infantil, a criança se torna mais independente e essa mudança de comportamento deve ser causada pelo maior desenvolvimento da linguagem e do pensamento; embora a ligação afetiva básica ainda permaneça, quando a criança se vê em uma situação que a amedronta, ela busca a aproximação. (RODRIGUES, 2007)

A questão psicológica também é importante, pois essa criança passa a explorar esse novo ambiente, fora do âmbito familiar, com uma interação maior e novas relações.

Podemos constatar que na educação infantil a criança, principalmente aquela que figura entre os 3 e 4 anos, vive uma dicotomia, ao mesmo tempo que primam pelo egocentrismo, a escola recheada de relações interpessoais, faz com que os mesmos aprendam a dividir seus desejos, os brinquedos, a atenção e tudo aquilo que no ambiente familiar não era tão comum. Ao mesmo tempo em que sabemos a importância do desenvolvimento global pelo movimento e experimentação, por meio de profissionais qualificados.

A educação infantil é primordial para o desenvolvimento psicológico, afetivo e social da criança, para um adequado desenvolvimento da mesma, na formação de um indivíduo apto para uma harmoniosa convivência na sociedade atual.

OS CONTOS DE FADA E A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Presença constante na infância, os contos de fada, permeiam a vida das crianças trazendo um mundo de fantasia que a mesma tem muito prazer em ouvir e experimentar.

Torna-se importante entender que por traz do aspecto lúdico, os contos de fada possuem a capacidade de ensinar o indivíduo a lidar com os conflitos interiores e posteriormente encontrar as possíveis soluções. A criança por sua vez, está frequentemente exposta a cada momento de sua vida na sociedade do qual faz parte e, para entender-se melhor dentro desta sociedade ela deve conseguir desenvolver inúmeros recursos interiores, sempre relacionados aos sentimentos que possui. (FRANZ, 1990)

Para uma criança a vida é repleta de descobertas e ao mesmo tempo extremamente complexa, pois se entender nesse mundo requer constantes

ressignificações, de aprendizados implícitos, para a aquisição de conceitos éticos e abstratos, responsáveis pelo seu desenvolvimento.

Os contos de fada são narrativas cuja origem se perde no tempo e que vêm atravessando séculos após séculos, e continuam despertando o interesse de seus leitores num tempo tão diferente daqueles em que foram escritos simplesmente porque não perdem a sua atualidade, tratam da essência humana, que é a mesma desde que o homem existe. Fala de medos, ansiedade, sonhos, desejos, busca da autorrealização,

esperanças, sentimentos que causam inquietação nas crianças e nos jovens de hoje (FRANTZ, 2005).
Quando nos deparamos com os contos de fada, observamos situações que pairam ente o bem e o mal, onde existe muitas vezes a presença de um protagonista tentando vencer seus problemas, aprendendo a lidar com a barreiras da vida, e finalmente alcançando a tão almejada felicidade. Os contos utilizam uma linguagem simbólica ou de imagens, possibilitando as crianças a compreensão desses significados que estão presentes no íntimo de cada uma delas.
"Os contos de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem de imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual". (BETTELHEIM, 2002, p. 30).
A criança acaba criando um processo de identificação, onde acaba vivendo profundamente situações na pele das personagens desses contos de fada e com elas sofre, luta, se alegra e busca sair vitorioso no final. Com isso, ela começa a aprender e a reconhecer as suas próprias dificuldades e a melhor forma de lidar com elas. Ao mesmo tempo, aprende a se conhecer melhor, conhecer o mundo e as pessoas que o cerca.
Quando um adulto narra um conto de fadas a uma criança, ele oportuniza para a mesma a capacidade de se identificar através da sua grande ingenuidade e consequentemente desta forma, o sentimento que a história carrega.
"O conto oferece um modelo para a vida, um modelo vivificador e encorajador que permanece no inconsciente contendo todas as possibilidades positivas da vida". (FRANZ, 1990, p. 62).
Muitos contos de fada conseguem transmitir mensagens as crianças indicando a importância da luta contra as inúmeras dificuldades que as mesmas passam ou vão passar em suas vidas, já que é uma parte intrínseca da existência de qualquer ser humano.
Outro aspecto digno de ser citado em relação à função dos contos de fada na vida das crianças é o estímulo à criatividade que proporcionam a elas, a criança que ouve histórias passa a recriar encima do que foi ouvido o seu mundo real e constrói novas possibilidades de interagir com o outro. Através da narrativa, a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com o outro – socialização. Consequentemente são mais criativas, se saem melhor no aprendizado e serão adultos mais felizes (FRANTZ, 2005, p. 49).
Percebemos que acreditar no conceito que os contos de fada apenas possuem o objetivo de entreter, de divertir as crianças, trata-se de um pensamento errôneo e superficial, já que a própria educação faz uso dos mesmos para o desenvolvimento dos alunos dentro do âmbito escolar.

RESSIGNIFICANDO OS CONTOS DE FADA

Os contos de fadas vão muito além de uma simples história com vilões e heróis, como descrevemos no item anterior desse trabalho.
Consideremos como exemplo estórias de fadas nas quais uma criança derrota um gigante pela astúcia, gigante que lhe assusta ou mesmo lhe ameaça a vida. O fato de que as crianças intuitivamente compreenderem o que estes "gigantes" representam é ilustrado pela reação espontânea de uma criança de cinco anos (BETTELHEIM, 2002).
A partir dessa coragem vista na narração da história, a criança pode se encorajar para enfrentar seus "gigantes invisíveis", seus temores, medos, onde mesmo tão nova, ela pode fazer uso dessa astúcia para vencer suas barreiras.
Na realidade, a criança acredita no que os contos de fada, pois transfere para sua vida, deixa à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a estória revela sobre a vida e a própria natureza humana, dando asas ao seu pensamento animista permanecendo assim até a idade da puberdade/adolescência, e com isso assume a sua relação com o mundo inanimado formando um só padrão com as do mundo animado das pessoas. (BETTLELHEIM, 2002)

Nesse chamado pensamento animista da criança, todas as coisas e fenômenos naturais são portadores de uma alma e capazes de agir para uma finalidade. Por exemplo, o sol é vivo porque dá luz, a pedra está viva porque pode mover-se, aproximando esses elementos às pessoas e por isso acabam pensando e sentindo como elas. Ela não separa as coisas inanimadas das vivas, e se as primeiras tiverem vida será parecida com dos seres humanos. (CANDIDO, 2005)
Não podemos esquecer que nesse período da infância, o egocentrismo prevalece e essa criança espera que os animais falem das coisas significativas para ela, assim como ocorre nos contos de fadas que possuem animais como personagens, o mesmo ocorrendo quando fala com seus pertences e brinquedos e se convence disso, mesmo que não o demonstre claramente.
Usando como exemplo, o conto "A Gata Borralheira", na versão dos Irmãos Grimm, a princesa aparece disposta a enfrentar as barreiras da vida encontrando refúgio para suas dores no local onde a mãe foi enterrada. Contudo na versão de Perrault, a gata

borralheira aparece muitas vezes submissa e passiva diante de tais barreiras. Sendo assim, podemos observar uma mesma personagem de um mesmo conto, porém, com significados diferentes no que diz respeito de como enfrentar as dificuldades que a vida nos impõe. (BETTELHEIM, 2002)

Nessa dicotomia, uma criança que escuta a versão de Perrault e que não conhece a dos Grimm, poderá, quando analisada, observar a presença de uma menina demasiadamente "bem-comportada", que nada faz para vencer as dificuldades da vida, que aceita seu presente cruel e se conforma isso. Em pleno século XXI, onde a mulher ainda luta contra o machismo e precisa ser imponderada o tempo todo, essa versão baseada na submissão não se encaixa.

Sempre maltratada pela madrasta e pelas irmãs, aceita a seu amargo destino da forma mais passiva possível. Depois de acabar o trabalho "refugiava-se ao canto da lareira, agachada sobre as cinzas" e fazia-o por vontade própria. Porém, isso não acontece na versão dos Irmãos Grimm: dorme nas cinzas porque a obrigam a isso. No dia do baile, a Gata Borralheira de Perrault "penteia as irmãs extremamente bem", "aconselhou-as o melhor que soube". Na versão dos irmãos Grimm também as penteia só que o faz a chorar (COSTA E BAGANHA,1989).

Analisando as duas versões novamente, uma criança que ouça esta versão de Perrault vai se sentir o pior dos seres quando se compara com esta menina "boazinha". Não podemos esquecer que ajudar a criança a vencer este conflito só é capaz se lhe dermos formas dela conseguir acreditar que conseguirá sair dele, de ultrapassá-lo. Para tal, alguma coisa terá que fazer e essa tal coisa é crescer, se desenvolver.

Portando entendemos que a versão de Perroalt não mostra este crescimento da Cinderela. Na realidade, a única razão para ter havido uma mudança na sua vida foi o aparecimento da fada-madrinha. Esta conclusão baseia-se em duas questões: em nenhum momento a Cinderela pede para ir ao baile, é a fada que lhe pergunta se gostaria de ir... E quando a fada a manda buscar uma abóbora, embora a Gata Borralheira o faça de imediato, pega sem perceber que é uma abóbora. (COSTA E BARGANHA, 1989)

Já na versão dos irmãos Grimm, é visível a luta da Cinderela para crescer, sair da caótica situação que se encontra, a busca pela resolução dos conflitos da mesma com sua madrastas e irmãs e acima de tudo, a sua inquietude com a vida que leva e que é submetida.

Entender essas questões sobre os contos de fadas é de suma importância quando você educador propõe uma narrativa para seus alunos, pois lembre-se sempre, que antes de mais nada, você é um norteador, um formador de opiniões e tem uma valorosa missão, que é o ato de educar, de contribuir significativamente no desenvolvimento de uma criança.

CONCLUSÃO

As escolas de educação infantil deixaram de ser um receptáculo de crianças, momento em que as mesmas permaneciam na escola, sem o objetivo final como aprendizado. Ampliaram-se os estudos relacionados a essa faixa etária e toda a pedagogia envolvida nesses alunos, para que a educação saísse do empirismo e fosse amparado por conceitos científicos, devidamente comprovados.

A cultura infantil se constitui a partir do momento que a criança se relaciona com outras culturas, ou seja, por meio da interação com o meio, a criança consegue e passa a interagir com símbolos e signos, e passa a atribuir diferentes significados, então se tem um esforço por parte da criança para atuar no mundo de adulto.

Como descrevemos no transcorrer desse trabalho, os contos de fada estão presentes no âmbito escolar e jamais podem ser considerados como meros relatos de histórias com príncipes, princesas, vilões, mundo imaginários, fantasiosos, com objetos inanimados que tem vida, opiniões e sequências.

Os contos de fada possuem inúmeros significados, embasados pela capacidade criativa das crianças e da transferência do que ela houve, aprende nas histórias e que pode ser utilizado em sua vida.

A partir dessa premissa, entendemos que ao trabalharmos os contos de fada dentro da escola, como recurso para o desenvolvimento da capacidade leitora e escritora no início do ensino fundamental ou como primeiro contato com a leitura, com a história na educação infantil, os mesmos tem uma capacidade ainda maior.

Ao ouvir essas histórias, a criança aprende, desenvolve conceitos, comportamentos, ou seja, há uma contribuição no seu aspecto cognitivo, psicológico, social.

Por isso, a introdução e utilização dos contos de fada dentro do âmbito escolar deve ser sempre pensado, estudado, pois sua atuação ultrapassa os conteúdos de português, ou ainda, a busca pela alfabetização. Quando uma criança ouve uma história, um conto de fada, ele também agrega conceitos, ideias, questões pertinentes a sua personalidade.

A utilização efetiva dos contos de fada na escola, promove ao aluno a capacidade de aprender e se de-